

# Doença e juventude na *sick-lit*

Rosa Maria Hessel Silveira

Bruna Rocha Silveira

107

---

## Resumo

A chamada *sick-lit* é um subgênero da literatura contemporânea para jovens adultos, cuja popularidade tem aumentado entre editores e adolescentes que leem, escrevem críticas nas redes sociais e aguardam ansiosamente por adaptações cinematográficas. Por meio da análise de duas obras – *A mais pura verdade* e *Fora de mim* – e de algumas críticas postadas por leitores na rede social brasileira Skoob, abordam-se três questões: doenças e seus significados; literatura para jovens adultos; e doenças como tema. Alguns resultados revelam o uso de diferentes estratégias narrativas pelos autores, resultando em histórias de fácil leitura com enredos coerentes. As críticas, por outro lado, enfocam os sentimentos e emoções vivenciados durante a leitura, bem como a dimensão pedagógica das narrativas. Conclui-se que: 1) devido à capacidade de alguns livros para motivar os leitores, a *sick-lit* pode ser instrumento para criar novos leitores; 2) este subgênero apresenta uma alternativa mais realista à predominância de sagas fantásticas; 3) representa doenças e deficiências como experiências que não devem ser negadas ou escondidas.

Palavras-chave: *sick-lit*; doença; literatura infantojuvenil.

---

## **Abstract**

### ***Illness and youth in the sick-lit***

*The so-called "sick-lit" is a subgenre within contemporary young adult literature, whose popularity has been increasing among publishers and teenaged-readers and social media reviewers who eagerly wait for film adaptations. Through an analysis of two works – The Honest Truth and Out of My Mind – and of some reviews posted by readers on the Brazilian social network Skoob, three main issues are addressed: diseases and their meanings; young adult literature; and diseases as theme. Some findings reveal the use of different narrative strategies by the authors, which result in easy reading stories with coherent plots. The reviews, on the other hand, focus on feelings and emotions experienced during reading, as well as on the narratives' pedagogical dimension. It was concluded that: due to the capacity of some of these books to motivate readers, "sick-lit" can be a valuable instrument to create new readers; it poses a more realistic alternative to the predominance of fantastic sagas; it represents diseases and disabilities as experiences that should not be denied or hidden.*

*Keywords: sick-lit; diseases; young adult literature.*

---

## **Resumen**

### ***Enfermedad y juventud en la sick-lit***

*La llamada sick-lit es un subgénero de la literatura contemporánea para jóvenes adultos, cuya popularidad ha aumentado entre editores y adolescentes que leen, escriben críticas en las redes sociales y esperan ansiosamente por adaptaciones cinematográficas. Por medio del análisis de dos obras –A Mais Pura Verdade y Fora de Mim– y de algunas críticas publicadas por lectores en la red social brasileña Skoob. Son abordados tres cuestiones: enfermedades y sus significados; literatura para jóvenes adultos; y enfermedades como tema. Algunos resultados revelan el uso de diferentes estrategias narrativas por los autores, resultando en historias de fácil lectura con enredos coherentes. Las críticas, por otro lado, enfocan en los sentimientos y emociones vivenciados durante la lectura, así como en la dimensión pedagógica de las narrativas. Se concluye que: 1) debido a la capacidad de algunos libros para motivar a los lectores, la sick-lit puede ser un valioso instrumento para crear nuevos lectores; 2) este subgénero presenta una alternativa más realista a la predominancia de sagas fantásticas; 3) representa enfermedades y deficiencias como experiencias que no deben ser negadas o escondidas.*

*Palabras clave: sick-lit; enfermedad; literatura infantojuvenil.*

---

## Iniciando o diálogo

Em sua penúltima edição, a pesquisa *Retratos da leitura no Brasil* (2011), realizada pelo Instituto Pró-Livro, indicou que 4,8 milhões de jovens no País haviam lido algum livro espontaneamente no período analisado. Tal número aumentou para 5 milhões na última edição da pesquisa, em 2016, uma cifra nada desprezível (Failla, 2016), que gera uma movimentação expressiva de edições e fomenta a criação de selos juvenis. Ao compararmos a *Retratos* de 2011 com a de 2016, podemos alimentar o otimismo. Os resultados nos mostram que, proporcionalmente, o número de leitores aumentou de 50% para 56% da população (Failla, 2016). Esse mercado juvenil tem sido impulsionado pelas sagas fantásticas (*Harry Potter*, *Crepúsculo*, *Divergente*), mas não apenas por elas. Assim, Quinteros (2015, p. 62), ao abordar as leituras de adolescentes chilenos, em um panorama que certamente atravessa fronteiras, afirma que “las fantasias distópicas y las historias apocalípticas se entremezclan con títulos realistas, dando un respiro a la fiebre que estalló alrededor del año 2006 con los vampiros, hombres lobo y romances paranormales”. Entre os títulos realistas citados pela autora, estão as obras que têm sido abrangidas sob o título *sick lit*, literatura juvenil cujas narrativas contam com um ou mais protagonistas com doenças graves, o que enseja a inserção de reflexões sobre a vida e a morte.

Não são poucos os títulos que se incluem nessa tendência, visto que o mercado editorial percebeu o grande interesse dos adolescentes por histórias sobre vítimas de graves doenças como câncer ou de problemas psicológicos como a depressão e os intuítos suicidas. Muitas dessas obras, como *A culpa é das estrelas*, *Extraordinário*, *As vantagens de ser invisível* e *Os 13 porquês*, tornaram-se fenômenos de vendas globais, sendo adaptadas para o cinema e para séries de serviços de *streaming*. Conforme Failla (2014, p. 83) esse gênero literário divide especialistas em literatura juvenil, sendo visto “como uma literatura que não subestima o adolescente ao tratar de temas adultos e dolorosos, sem fantasiar a realidade”, ou como uma literatura que pode induzir a atitudes negativas e perigosas. Algo que, de certa forma, reedita os temores que circularam após o lançamento de *Os sofrimentos do jovem Werther*, clássico do Romantismo, de Goethe, em 1774, que teria gerado uma onda de suicídios na Europa, o que, por outro lado, nunca foi suficientemente comprovado.

Falar de doenças em nossa sociedade parece não ser algo muito bem aceito. Conselhos de etiqueta e de convivência social que circulam na internet e em outras mídias preconizam que as pessoas não falem muito sobre doenças, pois podem se tornar socialmente inoportunas. No entanto, independentemente do sentido que damos às doenças e do espaço que elas ocupam em diferentes fases de nossa vida, convivemos e sempre conviveremos com elas. Todos passamos por essa experiência em algum momento de nossas vidas e isso faz parte da condição humana.

As doenças se tornam um tema tabu não pelo que elas são biologicamente, mas pela construção cultural de seus significados e os sentidos que atribuímos aos diagnósticos e a quem os carrega. Com o avanço científico da área biomédica, principalmente no século 20, que levou à medicalização das populações e à expansão de medidas preventivas, a doença, mais do que algo indesejado, tornou-se “proibida”.

Acreditou-se que as curas para todos os males estariam disponíveis e que só ficaria doente quem não tomasse os devidos cuidados de si. Assim, segundo Moulin (2003, p. 19-20), exibir a doença ou falar sobre ela tornou-se, de certa forma, inadmissível em nome da decência: “o corpo é o lugar onde a pessoa deve esforçar-se para parecer que vai bem de saúde”. Esse tipo de discurso criou o que Moulin (2003, p. 53) chama de mal do século, ou seja, a solidão, principalmente a dos doentes, “aqueles a quem de ora em diante compete decidir sobre a sorte de um corpo que não se assemelha a nenhum outro”.

Vivemos sob o imperativo do corpo saudável e, dessa forma, parece que as doenças não têm lugar para existir no mundo. No entanto, percebemos nessa literatura voltada para o público jovem que o tema das doenças está em alta, vende, é consumido, propagado e produto de desejo. Apresentar em uma obra literária um personagem com certo tipo de doença é evocar um determinado tipo de sujeito e alguns sentimentos e atitudes socialmente relacionadas aos significados atribuídos a ela. Em *A doença como metáfora*, Sontag (2007) discorre sobre as metáforas criadas para falarmos de doenças. Para a autora, no século 19, com a assunção da consciência individual da doença, a saúde passou a ser um sinal de virtude e a doença, de depravação. Mas o que vemos, nos livros de *sick lit* analisados por Elman (2012), é que a figura de jovens doentes evoca a metáfora do guerreiro e da superação. Os personagens aparecem como heróis e sábios, prontos para partilhar os conhecimentos adquiridos a partir da doença com os “simples mortais” que não possuiriam esse “superpoder”.

Se muitas metáforas de doença resultam de julgamentos que a trazem como culpa e sinal de inferioridade moral e o corpo doente como indesejado – que precisa ser curado, entrar em harmonia e voltar a ter saúde – e, do ponto de vista social, inadequado e perigoso, no contexto do neocapitalismo em que vivemos os discursos são outros. O corpo doente traz prejuízos econômicos, não produz e apenas acarreta despesas, é transformado em cifras e números deficitários. Entretanto, em vários livros de *sick lit*, as personagens trazem outra representação das doenças, muitas vezes romantizadas e vistas sob um viés positivo, de força e potência (Elman, 2012). Solomon (2013) observa que deveríamos criar metáforas positivas para as doenças, atribuir outros sentidos a tais experiências, uma vez que vivemos e viveremos com elas sempre. Nesse sentido, é possível que essas novelas juvenis tragam um pouco dessas outras metáforas, contemporâneas, potentes, fortes sobre como viver com doenças.

Para Solomon (2013, p. 15),

usamos o termo “doença” para depreciar um modo de ser e “identidade” para validar a mesma maneira de ser. [...] Muitas condições são tanto doença como identidade, mas só podemos ver uma se obscurecermos a outra. [...] Precisamos de um vocabulário em que os dois conceitos não sejam opostos, mas aspectos compatíveis de uma condição.

Entendemos, como já havíamos mencionado em outro trabalho, que esse novo vocabulário pode vir de um campo que aborde de forma menos restrita e normatizada a doença, por estar “protegido” sob a égide da ficção: a literatura.

O campo literário conta com uma “licença ou álibi ficcional” para falar abertamente sobre as doenças e suas metáforas e, até mesmo, criar novas. Além disso, as narrativas literárias descrevem dramas individuais, em que a experiência do sujeito doente ou que convive com a doença pode ser abertamente explorada, sem necessariamente ter que “pedir licença” para se colocar no espaço público, nem sofrer os constrangimentos das “pessoas reais”. (Silveira; Silveira, 2016, p. 392).

### **Jovens, doenças e *sick lit***

Em “‘Nothing feels as real’ – teen sick-lit, sadness and the condition of adolescence”,<sup>1</sup> Elman (2012, p. 175) analisa o gênero, que emergiu na década de 1980, como “gênero de ficção adolescente que fundiu a narrativa da doença e do romance para reforçar as normas interdependentes de capacidade, heteronormatividade, gestão emocional e maturidade entre os jovens americanos”.<sup>2</sup> No artigo escrito sob a perspectiva dos estudos da deficiência, ela examina de forma crítica a visão capacitista de tais livros em relação às pessoas com deficiência. Para Elman (2012, p. 176), boa parte dessa literatura busca nas “curas” a redenção de seus personagens e, analisando obras de Lurlene McDaniel, conclui que o mercado abraçou um novo realismo para a audiência de jovens adultos expondo e não isolando o leitor dos “perigos de vida real”.

Elman (2012) reflete sobre o papel da tristeza na literatura e sua recepção, questionando de que maneira as ideias culturais sobre ela informaram a constituição do realismo literário como valor social. Ela discorre sobre os modos pelos quais as normas culturais da emoção afetaram a compreensão cultural da subjetividade adolescente “normal” como angustiada, da deficiência como trágica e da “maioridade” como um processo gradual de reabilitação emocional. Para tanto, vale-se do termo “*habitus* emocional” delimitando o que é emocionalmente possível em um dado momento,

definindo certas emoções como preferíveis ou apropriadas enquanto descarta ou disciplina outras. Histórias tristes, oferecendo treinamento de cidadania e instrução emocional para os públicos de leitura “adequados” que deveriam produzir, tornaram-se cada vez mais as principais formas literárias disciplinares para os leitores adolescentes. (Elman, 2012, p. 178).<sup>3</sup>

Com base nessa noção, podemos analisar algumas pistas de como esses textos mostram aos jovens formas de se sentir em relação a temas como a dor, a doença e a morte.

<sup>1</sup> “‘Nada parece tão real’: livros juvenis de doença, tristeza e a condição da adolescência” (tradução livre).

<sup>2</sup> “a genre of adolescent fiction that fused illness and romance narrative to reinforce the interdependent norms of ablebodiedness, heteronormativity, emotional management, and maturity among American youth”.

<sup>3</sup> “defining certain emotions as preferable or appropriate while dismissing or disciplining others. Sad stories, by offering citizenship training and emotional instruction for the ‘fit’ reading publics they were meant to produce, increasingly became key disciplinary literary forms for teen readers.”

Sobre a representação dos/das jovens com doenças nesse gênero literário, Kumbier (*apud* Elman, 2012, p. 179) argumenta que “a literatura da doença retrata ‘pessoas doentes’ como objetos de inspiração, pena, tragédia e inocência; como figuras ‘narcisistas’ ou dúplices que precisam de vigilância médica e parental e, mais importante, como ‘veículos’ para o crescimento emocional de outros e educação sentimental”.<sup>4</sup> Em suas narrativas, é realçada a importância da “vontade de viver” e é valorizada uma atitude que vise à superação dos problemas e a busca por “qualidade de vida”, sendo que esse termo acaba significando viver sem a sombra da doença. Para Elman (2012, p. 179),

embora os romances pretendam encorajar a aceitação da doença pelos adolescentes neles próprios ou em outros, os textos muitas vezes negam a aceitação da doença, enquanto encorajam a aceitação da morte, continuamente juxtapondo o grotesco do corpo doente a corpos saudáveis e viris.<sup>5</sup>

Devido ao sucesso e às altas vendas de livros do gênero *sick lit*, como o *best-seller* *A culpa é das estrelas*, de John Green, era de se esperar sua tradução para outros países que não os de sua 1ª edição. Assim, várias obras do gênero têm sido editadas no Brasil; entretanto, o fenômeno, em nosso País, não tem sido objeto de maiores estudos ainda. Para adentrar um pouco o campo dessas obras, traremos uma breve análise de dois títulos com temática um tanto diferenciada entre si: *A mais pura verdade*, de Dan Gemeinhart (2015), com 220 páginas, e *Fora de mim*, de Sharon M. Draper (2014), com 207 páginas.

### **Sofrimento adolescente: desafios e reflexões**

*A mais pura verdade* traz, já em seus paratextos, elementos que visam capturar o leitor jovem. Na capa, além de uma imagem com a silhueta de um adolescente e um cão, separados por uma faixa negra em ziguezague, do título e do nome do autor, pode-se ler uma citação caracterizando o livro – “Uma história comovente, que vai fazer você querer abraçar bem forte o protagonista”. Fica, portanto, evidente o apelo à emoção, que é um dos traços marcantes do gênero.

Na contracapa, leem-se palavras e pequenas frases, à guisa de anotações do protagonista, como “*fazendo a mala* para a maior aventura da minha vida / o melhor cachorro do mundo / equipamento de alpinismo / passagem de trem (só de ida) / remédios / *deixar para trás*: todo o resto” (Gemeinhart, 2015 – grifos no original). Nessa engenhosa resenha, já se lançam os ingredientes sedutores para o leitor adolescente: o apelo à aventura, a relação com um *pet*, as alusões a uma “nova vida”, deixando tudo para trás. Também emergem pistas para o diferencial do protagonista em relação a outros “heróis” de romances: remédios.

<sup>4</sup> “disease literature portrays ‘sick people’ as objects of inspiration, pity, tragedy, and innocence; as ‘narcissistic’ or duplicitous figures in need of medical and parental surveillance; and most importantly, as ‘vehicles for others’ emotional growth and sentimental education”.

<sup>5</sup> “Although the novels purport to encourage teens’ acceptance of illness in themselves or others, the texts often deny acceptance of illness while encouraging acceptance of death, continually juxtaposing the grotesqueness of the diseased body with virile healthy bodies”.

A organização e a diagramação do livro são cuidadosas. Há dois tipos de capítulos, com títulos, extensão e narrador diversos, ainda que se conectem entre si, uma vez que os episódios e o tempo narrado são simultâneos. Nos capítulos com números inteiros, a narrativa é feita em 1ª pessoa pelo protagonista, Mark. Ela se inicia no momento em que o adolescente deixa a casa dos pais, com seu cachorrinho, rumo a uma aventura cujo destino e motivação vão sendo aos poucos revelados, ao mesmo tempo que, por meio de *flashbacks* de momentos vividos, a história da doença do adolescente vai sendo desvelada. “A montanha estava me chamando. Eu tinha que fugir. E como tinha...” (Gemeinhart, 2015, p. 9).

Nos capítulos nomeados com números fracionados, de 1½ até 13½, geralmente mais curtos, há um narrador onisciente que apresenta eventos envolvendo a família de Mark, em sua procura pelo adolescente, e a amiga Jessie, eventos esses simultâneos à jornada do protagonista. O leitor acompanha, na dupla narrativa, a trajetória de Mark em busca do seu objetivo – subir a montanha Rainer, antigo sonho irrealizado de seu avô, já morto. Nessa jornada, ele precisa evitar ser encontrado, identificado e devolvido à sua família – e, também, esconder e “vencer”, de certa forma, sua doença, cujo tratamento já o deixara sem cabelos. Aos poucos, o leitor vai acompanhando os sintomas físicos da exaustão e do sofrimento corporal do adolescente: “Uma dor leve começou a me incomodar” (Gemeinhart, 2015, p. 11); os vômitos, os tremores. “Cerrei os dentes, abri o pote e virei três comprimidos na mão. Enfiei os três goela abaixo em um só gole de água gelada. Eu era profissional. Sabia que aquele remédio faria minha cabeça melhorar” (Gemeinhart, 2015, p. 24). A construção gradativa da narrativa se faz como um quebra-cabeça que se oferece de forma não óbvia para a montagem do leitor, fugindo à linearidade e à explicitação constante de sentimentos e relações de causa-consequência.

A companhia do pequeno cão de Mark e a lembrança da amiga Jessie, com quem compartilhara o segredo da fuga, são presenças constantes na jornada. Uma série de encontros – com jovens que o assaltam em uma rua deserta à noite, mas que acabam deixando alguma grana para ele; com uma garçonete de um restaurante, que busca ajudá-lo; com uma menina de seis anos que, embora magoada por uma situação familiar, se interessa por ele em um ônibus etc. – vai motivando as reflexões do protagonista e mostrando-lhe outros sentidos e dimensões à vida, numa jornada que é de crescimento e formação.

Para sintetizar o enredo, vale contar que, embora correndo muitos riscos e perigos, como enfrentar uma tempestade de neve, o protagonista não morre em sua jornada, mas é salvo por uma equipe de resgate, alertada por um dos “amigos” que fizera no caminho e pelo cãozinho que mostra como chegar até ele. Hospitalizado, em voz sussurrada, ele conta à sua amiga toda sua jornada e pede que ela a escreva. A última conversa trazida pelo narrador onisciente é que inspira o título da obra; Mark pergunta à amiga se havia chegado perto do topo da montanha e ela responde: “Sim, você chegou perto”. O narrador, então, faz considerações sobre os “tipos de verdades” – a verdade que se pode medir, dos mapas, dos gráficos etc. e um “tipo melhor de verdade”, “que você sente de uma maneira mais profunda”, pela qual o menino teria chegado ao topo da montanha. Assim, é nas páginas finais que o leitor

entenderá que a narrativa em 1ª pessoa foi efetivamente escrita pela amiga Jessie, depois que Mark “partiu” – “Mark estava tão doente que teve que partir” (Gemeinhart, 2015, p. 217).

Não se encontram no texto menções claras a um objetivo suicida do adolescente nem detalhes mórbidos sobre sua doença. Efetivamente já ao avistar a montanha e sufocado pelas limitações e dores, Mark de certa forma abandona tal ideia e começa a coletar, de sua jornada, as lembranças cálidas e humanas de todas as pessoas com quem tinha interagido; sentindo a presença de todos à sua volta, menciona que não se sentia mais sozinho, não estava mais com frio, não estava mais com raiva.

O eixo principal do sentido da jornada (e, de certa forma, da obra) poderia ser sintetizado pelas reflexões que Mark então faz:

Atravessar aquela montanha, dando passos na neve, era tudo de que eu precisava. Pensei em toda a minha doença, em toda a minha raiva, em todo o meu medo. Tudo aquilo era só a escuridão, só a tempestade. E eu me perdi nelas. Mas sempre há o outro lado da tempestade. E as pessoas que levam você até lá. (Gemeinhart, 2015, p. 204).

A outra obra por nós escolhida, *Fora de mim*, tem uma organização narrativa e gráfica mais tradicional. Seguindo uma prática corriqueira em livros ficcionais com apelo comercial, há, na capa e contracapa, três citações de veículos da imprensa, com o intuito de capturar o leitor adolescente: “Você vai se sentir como se estivesse vivendo a vida de Melody”, “Sharon Draper criou uma personagem autêntica que insiste, através de sua voz viva e vontade indomável, que o leitor envolva-se completamente com ela” e “Se existe um livro que adolescentes e pais (e todos os outros) devem ler, *Fora de mim* deve ser ele”. Identificação, envolvimento e necessidade de ler são mobilizados nessa motivação ao leitor.

Por 33 capítulos, distribui-se o texto do livro escrito em 1ª pessoa pela protagonista Melody, menina de “quase 11 anos”, sobre a qual, já nas primeiras páginas, sabemos que é absolutamente fascinada e habitada por palavras e seus significados: “Palavras. / Milhares de palavras me cercam. Talvez milhões (...) As palavras sempre rodopiaram à minha volta como flocos de neve. Cada palavra é delicada e diferente, e todas se derretem, uma por uma, intocadas, nas minhas mãos”. Entretanto, um paradoxo logo é trazido: “Eu nunca disse uma palavra sequer. E tenho quase onze anos” (Draper, 2014, p. 5). “Não consigo andar. Não consigo falar. Não consigo me alimentar nem ir ao banheiro sozinha. Ai, que pena” (p. 6).

Nessas breves citações, é possível entrever uma característica do texto de Sharon Draper, que é o uso produtivo de várias figuras de linguagem, como metáforas, comparações, sinestésias (em especial, as que dizem respeito às próprias sensações da protagonista), além de ironias e antíteses, sem que essa presença prejudique o estabelecimento do tom de conversa e o coloquialismo da narradora.

Voltando à trama, a protagonista, com paralisia cerebral, que se autodescreve como “ridiculamente inteligente” e com “uma memória fotográfica” (Draper, 2014, p. 12), traz, com riqueza de detalhes, recordações de sua infância, com ênfase para o papel de seus pais na sua educação e para o papel desestimulante de alguns profissionais da saúde, como o médico que a submeteu a vários “testes de inteligência”:



– Você consegue empilhar estes blocos por ordem de tamanho? – falou bem alto e devagar, achando que eu tinha deficiência auditiva e era muito burra.

Mas quem era o burro ali? Será que o doutor não sabia que eu não tinha como segurar os blocos? É claro que eu sabia que um era maior do que o outro, mas não ia conseguir empilhar aqueles blocos nem que ele me pagasse! (Draper, 2014, p. 17).

Nos capítulos seguintes, Melody narra a sua entrada em uma escola “bem normal”, onde, com outras crianças com “deficiências”, participa de uma “comunidade de aprendizado”, a turma H-5, descrevendo, sempre com bom humor e ironia, seus colegas e as atividades infantilizantes que precisam fazer. Suas reações – limitadas e frequentemente “chocantes” para alguns circunstantes – podem ser exemplificadas pela passagem:

Posso não conseguir emitir nenhum som inteligível, mas consigo fazer *muito* barulho. // Gritei porque odeio coisas que são simplesmente idiotas. // Berrei porque não conseguia falar e mandar a professora calar a boca! // E chorei porque eu *nunca* consegui explicar pra ninguém o que estou pensando de verdade. (Draper, 2014, p. 41).

As experiências domésticas com uma nova irmãzinha, um cãozinho de estimação e uma vizinha que cuida dela são narradas com detalhes vívidos, mas é a experiência escolar que assume centralidade na narrativa. Em determinado momento da trama, Melody consegue ter acesso a um computador-máquina, que vocaliza o que ela digita ou “escolhe dizer”. É através dessa expansão de sua comunicação que a garota começa a se envolver com a possibilidade de participar de um concurso nacional de conhecimentos gerais, no qual sua escola irá se engajar. A trama, a partir do capítulo 17, focaliza tal concurso, com a luta de Melody para entrar na equipe, os treinamentos, a rivalidade, as competições, as pequenas traições, as dificuldades, o incentivo familiar etc. Todo um panorama de grande competitividade entre os concorrentes e de obsessão por aparecer na televisão e obter o prêmio maior serve de pano de fundo para o desenvolvimento da trama, que, então, perde um pouco de originalidade. De uma maneira bastante previsível para o enredo, Melody é a que tem mais conhecimentos, gabarita inúmeras provas, mas, no dia da prova nacional, é “esquecida” no aeroporto e não pode participar. Sua equipe, então, é derrotada. Entretanto, Melody não se acovarda, volta à escola e, de certa forma, toda a equipe e o professor são confrontados com a indignidade de sua atitude. Ao final, a novela volta ao início, com as reflexões de Melody sobre as milhares de palavras que a habitam e que, entretanto, ela nunca conseguiu pronunciar.

As questões do corpo deficiente pontuam a narrativa de uma forma bastante realista e, na maioria das vezes, com um toque de humor. Melody se autodescreve já no capítulo 2:

Os outros podem ver uma menina de olhos castanho-escuros cheios de curiosidade. Só que um olho é meio torto. A cabeça dela é meio bamba.

Às vezes ela baba. E é bem pequeninha pra quem tem quase onze anos de idade. As pernas são muito finas, provavelmente porque nunca foram usadas. O corpo tende a se movimentar de um jeito todo próprio: os pés começam a chutar do nada, e os braços sacodem de vez em quando... (Draper, 2014, p. 6).

Algumas dessas características, como babar e a emergência de “surto” nos quais ela se movimenta de forma involuntária, às vezes assustando as pessoas presentes, a preocupam constantemente, com o temor de que potencializem a discriminação que sofre. Efetivamente, uma marca forte do enredo é a presença de muitas passagens em que – na escola, em especial – ela é deixada de lado ou sofre zombarias. Não por acaso, esses aspectos reaparecerão na próxima seção, em que vasculharemos algumas leituras dos internautas.

## O que dizem alguns leitores sobre as obras

Além da análise das obras, buscamos algumas pistas sobre sua recepção, com base em postagens realizadas na rede social Skoob. Trata-se de uma rede social segmentada, autointitulada “a maior comunidade de leitores do Brasil”, criada em 2009, que pretende ser não apenas um lugar virtual onde leitoras/es postam suas impressões e resenhas sobre os livros e atribuem-lhes uma nota, mas também um lugar onde seus usuários – *os skoobers* – podem marcar encontros presenciais para trocar ideias sobre suas leituras. Verifica-se, assim, que é uma rede colaborativa, alimentada pelos próprios usuários com conteúdos autorais sobre os livros lidos. As resenhas no Skoob não têm limite de tamanho e muitas delas são reproduções (parciais ou totais) de postagens dos autores em seus *blogs* pessoais de leitura ou em seus canais no Youtube, no caso de *booktubers*. Em sua maioria, são leitores jovens, entre 15 e 30 anos, que se apresentam como “viciados em livros”, *booklovers* e compartilham suas leituras nessa rede social com o intuito de encontrar outras pessoas com o mesmo interesse e gosto pela leitura.

Os usuários do Skoob podem criar nessa rede uma espécie de estante de livros virtual, onde anotam as obras que já leram, querem ler, estão lendo ou relendo atualmente, criando uma base de quantos livros leram em um certo período de tempo, gerando um “paginômetro”, que dá uma amostra quantitativa de páginas lidas ao longo do ano. Não há uma disputa real por quem leu mais páginas, como em um jogo, mas os leitores fazem essas comparações e desenvolvem uma autocobrança para aumentar sua estatística no paginômetro da rede. A rede social tem interação direta com outras redes, como Facebook, Twitter e Instagram; assim, quando o usuário posta algo no Skoob, essa postagem pode ser replicada nas demais. Além disso, as pessoas podem buscar amigos por gênero literário. Assim, um leitor voraz de *sick lit* pode buscar por outras pessoas na rede que sejam fãs desse gênero para trocarem opiniões e, até mesmo, livros físicos e virtuais. Atualmente (2019), a rede conta com mais de 5 milhões de usuários cadastrados, que a utilizam em seus computadores e dispositivos móveis. Efetivamente, analisaremos apreciações de leitores habituais e assíduos, o que se pode constatar pela frequência com que fazem comparações com obras análogas, citam outros autores e mencionam aspectos usualmente não comentados por leitores menos atentos, como projeto gráfico etc. Por outro lado, temos consciência dos limites metodológicos da escolha da rede – nem todos os leitores de obras de *sick lit* frequentam o Skoob e, além disso, os *skoobers* representam uma parcela diferenciada do público leitor, cuja leitura está transfigurada em um gênero escrito peculiar, com suas restrições e características: postagens em rede social. Sem generalizarmos os achados que adiante apontaremos,

julgamos, entretanto, que eles possam representar pistas para entender a popularidade e as formas de leitura das obras.

Em relação ao livro *A mais pura verdade*, observa-se que foi uma obra considerada boa pelos *skoobers*, com nota 4.1 (em uma escala de 0 a 5), de 2.512 avaliações. Quanto à obra *Fora de mim*, foi considerada excelente, com nota 4.4, de 126 avaliações. Para a análise de algumas dimensões de sua apreciação, lemos as 15 resenhas com maior número de interações (leituras e comentário) de ambas.

Um primeiro aspecto salta aos olhos – a menção à emoção suscitada pela leitura das obras, como se pode visualizar nas passagens<sup>6</sup> referentes ao livro *A mais pura verdade*.

A mais pura verdade é um livre (*sic*) tocante e imensamente triste.

Um livro emocionante, o início ao fim. Foi com lágrimas nos olhos que ainda teimam em cair, que terminei a leitura.

Chorei pelos pais de Mark, desamparados, sem saber onde e como o filho estava.

Chorei por Jessie (...)

Chorei por Beau (...)

Chorei por Mark (...)

Chorei pela minha impotência de leitora e não poder alertar aos pais de Mark, acalmar a Jessie, agradecer Beau e de proteger Mark.

E acima de tudo, chorei de agradecimento pela oportunidade de ler esta incrível história de um garotinho com câncer que sonhava em escalar uma montanha.

Mais do que simplesmente simpatizar com o garoto, senti empatia e compaixão por ele.

(...) não pense que a leitura será leve. A carga emocional da história é grande e ninguém está a salvo de algumas – ou muitas – lágrimas.

Ainda que *Fora de mim* tematize outro tipo de situação, a menção à emoção e à captura pela emotividade prepondera nas postagens dos internautas.

Fora de Mim é um livro com uma sensibilidade tremenda, toca seu coração e sua alma, eu particularmente amei a leitura do começo ao fim, se pudesse abraçaria a autora...

Terminei o livro com o coração bem apertadinho e com muita gratidão pela minha vida.

A história é emocionante e se prepare para rir, chorar, ficar com raiva, chorar de novo e rir mais um pouco.

Chorei horrores conforme o decorrer da história, superindico.

Envolvente e emocionante desde o início, li em dois dias rs. (...) A gente se sente no lugar dela e é muito dolorido.

Entremeada aos elogios aos livros, à narrativa de cenas e a declarações de abalos emocionais com a leitura, está a menção a ensinamentos, exemplos deixados pela leitura, assim como a reprodução de frases e passagens marcantes da obra.

<sup>6</sup> Os trechos doravante citados foram retirados de postagens do *site* <[www.skoob.com.br](http://www.skoob.com.br)>, sem identificação dos pseudônimos dos internautas (*blogueiros* e/ou comentaristas), uma vez que consideramos irrelevante a menção a tal dado. As postagens dos internautas estão separadas por uma linha em branco.

Devemos aceitar quem quer ajudar, devemos ouvir os conselhos de quem quer o nosso bem. Esta é a mais pura verdade.

(...) foi aí que percebi que, como leitor, fui aprendendo com ele: a experiência da leitura se altera da mesma forma como muda a percepção que Mark tem do mundo e de sua condição!

(...) a história é muito bem escrita e amarrada e, além de tudo isso trás (sic) uma bela lição de vida.

Porque, no final, não apenas Mark, mas nós vamos perceber que talvez o que importe não seja o objetivo final e chegar ao seu destino, mas tudo o que você passa pelo caminho: as pessoas que conhece e o que as experiências que vive tentando chegar lá te ensinam.

Também *Fora de mim* é citado por seus ensinamentos:

Depois de finalizar a leitura, vi que tudo o que li, realmente acontece. Os pais devem ensinar aos seus filhos que não é certo discriminar (sic) outras crianças por qualquer que seja o motivo.

O tipo de livro que o leitor carrega no coração e se torna a base para a mudança de atitudes e perspectivas. Ao menos deveria.

Coisas Que Aprendi.

Uma pessoa é muito mais que um diagnóstico escrito num prontuário.

Não dramatizar. (...)

Agradecer. (...)

Valorizar. (...)

Prezar.

118

A citação de trechos de *A mais pura verdade* pontua algumas resenhas como legítimos aforismos:

Mesmo a muitos quilômetros de distância um amigo ainda pode segurar a sua mão e estar ao seu lado.

Um estranho é só um amigo que você ainda não conheceu.

De vez em quando, mesmo as respostas certas parecem erradas, se você não gosta da pergunta. Essa é a mais pura verdade.

A relativa maturidade e trajetória de leitura dos internautas é também perceptível pela referência que vários fazem ao gênero: "Seria mais um *sick-lit?*", "curto muito um *sick-lit*", em especial nos comentários sobre *A mais pura verdade*. É em relação a essa obra que se encontram mais resenhas apontando aspectos negativos, como a de um internauta autor de uma postagem intitulada "Proibido para maiores... de 12 anos", que explora (sem maiores desdobramentos) a ideia de que "se vc tem mais de 12 anos é bom deixar pra lá este livro e ler algo mais interessante". Outros internautas, entretanto, discutem de maneira mais consistente a obra, em especial em relação à construção do protagonista.

### **Fechando o diálogo**

Encerrando este breve estudo, algumas considerações podem ser trazidas como deflagradoras de futuras discussões e aprofundamentos analíticos. Em primeiro lugar, a análise das duas obras e de uma amostra de sua recepção (dentro de

determinados limites), a partir de postagens em *site* que congrega leitores, leva-nos a refletir sobre a motivação da emergência dessa vertente da literatura juvenil – a *sick lit* – nos últimos anos. Cerrillo (2016, p. 92) identificava na literatura juvenil atual a coexistência de duas principais tendências: a exploração da fantasia, geralmente em forma de sagas e séries, como as que já citamos, e a filiação ao realismo, “relatos en los que se tratan problemas y asuntos de la vida cotidiana de los jóvenes y de sus familias (anorexia, inmigración, amor, discriminación, acoso, terrorismo, maltrato)”. É claro que as obras que põem em cena protagonistas com doenças graves e/ou crônicas se pautam por um diapasão realista, mesclando elementos do cotidiano adolescente – escola, amizades, relações familiares, primeiros amores – com um elemento pungente, também presente na sociedade, mas frequentemente expurgado da vitrine virtual de felicidade, risos e vitórias.

Evidentemente, a expansão das narrativas com protagonistas jovens doentes em novelas para adolescentes não foge aos riscos mercadológicos da aplicação das fórmulas de sucesso, abstraídas dos *best-sellers* do gênero. Sem aprofundarmos o debate, poderíamos explorar as qualidades literárias das duas obras analisadas, na medida em que, embora consistindo em livros de leitura acessível, seus autores manejam diferentes estratégias narrativas e textuais que as dotam de consistência e verossimilhança. A complexidade de tal avaliação também ecoa a caracterização atual do que Lluich (2003, p. 193) denomina de “dessacralização da fronteira da literatura”. Por outro lado, vale retomar que a análise das postagens mostrou a predominância de menções à emoção provocada pela leitura das obras, assim como aos ensinamentos que sua leitura acarretou. Tais obras apelam ao sentimentalismo fácil e agregam elementos da literatura de autoajuda? Ou apenas provocam atitudes e sentimentos que, atualmente, são expostos na vitrine onipresente das redes, mas sempre estiveram presentes nas leituras de gerações de leitores?

Pode-se apontar, a partir da análise das postagens, o que vários estudiosos já assinalaram em relação aos leitores contemporâneos: a relevância da socialização e o partilhamento de sugestões, impressões e leituras, em um espaço de grande abertura e alcance, como é a internet.

Por fim, se nos voltarmos para a questão da formação de leitores, podemos asseverar que a capacidade mobilizadora de alguns desses livros pode representar um coadjuvante valioso na formação de leitores e uma alternativa interessante, de cunho realista, às sagas fantásticas tão em voga, assim como um espaço privilegiado para posicionar doenças e deficiências como experiências humanas que não devem ser negadas nem ocultadas no tecido social, mas que representam uma dimensão inalienável de nossas vidas.

### Referências bibliográficas

CERRILLO, P. *El lector literario*. México: Fondo de Cultura Económica, 2016.

DRAPER, S. M. *Fora de mim*. São Paulo: Vergara e Riba, 2014.

ELMAN, J. P. “Nothing feels as real”: teen sick-lit, sadness, and the condition of adolescence. *Journal of Literary & Cultural Studies*, v. 6, n. 2, p. 175-191, Jun. 2012.

- GEMEINHART, D. *A mais pura verdade*. Ribeirão Preto: Novo Conceito, 2015.
- KUMBIER, A. Trauma club: the chronic popularity of illness lit. *Bitch*, Portland, n. 27, p. 72-79, Winter, 2005.
- INSTITUTO PRÓ-LIVRO. *Retratos da leitura no Brasil*. 3. ed. Ibope Inteligência, 2011. Disponível em: < [http://prolivro.org.br/images/antigo/2834\\_10.pdf](http://prolivro.org.br/images/antigo/2834_10.pdf)>. Acesso em: 5 ago. 2019.
- INSTITUTO PRÓ-LIVRO. *Retratos da leitura no Brasil*. 4. ed. Ibope Inteligência, 2016. Disponível em: < [http://prolivro.org.br/home/imagens/2016/Pesquisa\\_Retratos\\_da\\_Leitura\\_no\\_Brasil\\_-\\_2015.pdf](http://prolivro.org.br/home/imagens/2016/Pesquisa_Retratos_da_Leitura_no_Brasil_-_2015.pdf)>. Acesso em: 20 mar. 2019.
- FAILLA, Z. Retratos de um jovem leitor. *Revista Observatório Itaú Cultural*, São Paulo, n. 17, p. 76-94, ago./dez. 2014.
- FAILLA, Z. (Org.). *Retratos da leitura no Brasil 4*. Rio de Janeiro: Sextante, 2016.
- LLUCH, G. *Análisis de narrativas infantiles y juveniles*. Cuenca: Ediciones de La Universidad de Castilla-La Mancha, 2003.
- MOULIN, A. M. O corpo diante da medicina. In: COURBIN, A.; COURTINE, J. J.; VIGARELLO, G. *História do corpo*. Petrópolis: Vozes, 2003. v. 3, p. 15-82.
- QUINTEROS, M. Á. Literatura escrita para adolescentes: de qué hablamos cuando hablamos del boom? Plan Nacional de la Lectura. In: SEMINARIO INTERNACIONAL QUÉ LER? CÓMO LEER?, 2., 2015, Santiago. *Actas...* Santiago: Ministerio de la Educación/Gobierno de Chile, 2015. p. 61-68. Disponível em: < [plandelectura.gob.cl/wp-content/uploads/2015/12/ActasdeSeminarioqueleercomoLeer.pdf](http://plandelectura.gob.cl/wp-content/uploads/2015/12/ActasdeSeminarioqueleercomoLeer.pdf)>. Acesso em: 21 mar. 2019.
- SILVEIRA, R. M. H.; SILVEIRA, B. R. A doença na literatura infanto-juvenil: análise de quatro obras contemporâneas. *Via Atlântica*, São Paulo, n. 29, p. 389-406, jun. 2016.
- SOLOMON, A. *Longe da árvore: pais, filhos e a busca da identidade*. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.
- SONTAG, S. *Doença como metáfora: AIDS e suas metáforas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

---

Rosa Maria Hessel Silveira, doutora em Educação, é professora colaboradora convidada do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).

rosamhs@gmail.com

Bruna Rocha Silveira, doutora em Educação pela UFRGS, é pesquisadora associado do Núcleo de Estudos sobre Currículo, Cultura e Sociedade (NECCSO) dessa universidade.

bruna.rochasilveira@gmail.com

Recebido em 29 de abril de 2019

Aprovado em 24 de julho de 2019